



ISSN: 2176-5960

Προμηθεύς

Journal of Philosophy

n. 45, Maio - Agosto, 2024



**O SONHO DOS OMBROS DE MARFIM: MARCO AURÉLIO FRENTE
À MISSÃO DO GOVERNAR ROMA**

**THE DREAM WITH IVORY SHOULDERS: MARCUS AURELIUS FACES
THE MISSION OF GOVERNING ROME**

Aldo Dinucci (UFES/VIVA VOX)

RESUMO: Analiso duas versões que nos chegaram do sonho de Marco Aurélio antes de ser indicado como sucessor de Antonino Pio, sonho no qual Marco tem ombros de marfim. Examino o sonho metaforicamente e passo a um sumário da vida de Marco, de sua infância ao império, terminando por compreender o sonho como uma prescrição onírica sobre qual atitude seria favorável a Marco no comando de Roma, bem como uma antecipação sobre sua capacidade de suportar grandes desafios durante o seu governo.

PALAVRAS-CHAVE: Estoicismo; Marco Aurélio; Roma; Sonho Profético.

ABSTRACT: I analyse two versions that have come down to us of Marcus Aurelius' dream before he was appointed as Antoninus Pius' successor, a dream in which Marcus has ivory shoulders. I examine the dream metaphorically and proceed to a summary of Marcus's life, from his childhood to the empire, ending by understanding the dream as a dreamlike prescription about what attitude would be favourable to Marcus at the helm of Rome, as well as an anticipation of his capacity to endure great challenges during his rule.

KEYWORDS: Stoicism; Marcus Aurelius; Rome; Profetic Dream.

Nascido em vinte e seis de abril do ano de cento e vinte e um, Marco Aurélio Antonino, de nobre família romana, foi desde jovem notado pelo imperador Adriano¹⁷, que fez com que seu sucessor, Antonino Pio¹⁸, o adotasse aos dezessete anos, no ano de 137, visando sua ascensão ao cargo de imperador.

Marco teria tido, na noite anterior à sua indicação, um sonho profético sobre sua ascensão ao cargo de imperador de Roma. Duas versões semelhantes desse sonho nos são apresentadas por diferentes fontes. Comparemos os dois relatos históricos:

Dião Cássio, 71.36: Mesmo antes de ser chamado César, ele teve um sonho em que parecia ter ombros e braços de marfim, e os usava exatamente assim como os outros membros.

Júlio Capitolino, História Augusta, Vida de Marco Aurélio, 5.1. [...] depois da morte de Lúcio César, Adriano procurava um sucessor para o império. Marco não era tido como elegível por ter dezoito anos; e Adriano escolheu para adotar Antonino Pio, marido da tia paterna de Marco, com a condição de que Pio adotasse Marco e de que Marco adotasse também Lúcio Cómodo. 2. No preciso dia em que Vero¹⁹ foi adotado, viu-se, na verdade, representado em sonhos com ombros de marfim e, interrogado sobre se seriam capazes de suportar um peso, verificou que eram mais fortes do que o habitual. 3. Mas, quando descobriu que tinha sido adotado por Adriano, ficou mais assustado do que alegre e, depois de receber a ordem para se mudar para a casa privada de Adriano, deixou contra-vontade a casa materna. 4. E como os criados lhe perguntassem porque recebia com tristeza a adoção régia, ele percorreu sobre os males que o poder continha em si mesmo.²⁰

O relato de Dião Cássio é consideravelmente mais sucinto que o de Júlio Capitolino. Dião observa que Marco teve este sonho antes de ser adotado por Antonino e que, no sonho, Marco teria ombros e braços de marfim, mas podia usá-los como seus demais membros. Júlio informa que Marco teve este sonho no exato dia em que foi indicado como sucessor de Antonino, sonhando ter ombros de marfim, mais fortes que seus ombros de carne e osso. Ao saber ter sido filiado a Antonino, ao invés de se regozijar, se entristeceu, justificando seu sentimento com os males que a posição de comando acarretava.

¹⁷ Públio Élio Adriano viveu entre 24 de janeiro de 76 e 10 de julho de 138, sendo imperador de Roma entre 117 e 138.

¹⁸ Antonino Pio viveu entre 19 de setembro de 86 e 7 de março de 161, sendo Imperador de Roma entre 138 a 161.

¹⁹ Ao nascer, Marco tinha por nome Marco Ânio Catílio Severo. Mais tarde, Adriano lhe deu o nome de Marco Ânio Veríssimo e, depois de tomar a toga viril, passou a ser chamado de Marco Ânio Vero, como ele é referido na passagem acima e como era chamado antes de ser adotado por Antonino Pio. (Ver Júlio Capitolino, História Augusta, vida de Marco Aurélio, 1.5)

²⁰ Todas as citações aqui da *História Augusta (Vida de Marco Aurélio)*, por Júlio Capitolino, são de Cláudia Teixeira, José Luís Brandão, e Nuno Rodrigues. Coimbra: Imprensa de Coimbra, 2012.

Ora, segundo a classificação que nos é apresentada por Artemidoro,²¹ os sonhos dividem-se primeiramente em simples (relativos às coisas presentes, ao corpo, à alma ou a ambos) e o oníricos, que significam o futuro: “O sonho onírico pode ocorrer em vigília, ao contrário do simples. O sonho simples afeta o indivíduo apenas durante o sono, ao contrário do onírico, que desperta a atenção do sonhador para o porvir” (Artemidoro 1.1).

Os sonhos oníricos, por sua vez, se subdividem em teomáticos, que têm plena semelhança com o futuro e são de simples interpretação, e os alegóricos, que significam certas coisas por meio de outras. Além disso, podem ser pessoais (relativos ao sonhador) ou não-pessoais (relativos a outra pessoa que não o sonhador). Por fim, podem ser comuns (quando sonhamos que fazemos algo com uma pessoa conhecida), políticos (quando sonhamos com praças, ginásios, monumentos) e cósmicos (quando sonhamos com eclipses, desaparecimento de astros etc.) (Artemidoro 1.2).

Partindo dessa taxonomia, podemos determinar que o sonho de ombros (e braços) de marfim de Marco é, primeiramente onírico (significando coisas futuras), alegórico (os membros de marfim o são evidentemente) e pessoal (pois que se referia ao próprio Marco).

Trata-se, certamente, de uma orientação social de como Marco deveria encarar sua missão de governar o império. Como Artemidoro pontua, os sonhos que sonhamos apresentam sempre questões cujo enfrentamento está sob o nosso alcance:

Artemidoro 1.4: Quanto a receber, quando não se espera, visões de grandes questões que estão acima de nossas forças, isso é impossível: a coisa dá prova de incoerência em sua própria razão de ser, pois esses sonhos também são pessoais, e seu desfecho concerne apenas a quem os viu - salvo nos casos em que aquele que sonhou é um rei, alguém que governa ou um personagem importante.

Tentemos interpretar a metáfora envolvida no sonho de Marco: o marfim é, certamente, mais sólido que carne e ossos, e também mais rígido. Peso e enrijecimento podem simbolizar uma série de coisas. Primeiro, que o comando do império lhe seria um peso nos ombros. Segundo que, mesmo o sendo, Marco o suportaria, pois, de acordo com o relato de Dião Cássio, Marco podia ainda assim movê-los normalmente, e, de acordo com Júlio Capitolino, Marco

²¹ Artemidoro Daldiano ou Efésio viveu no século II e foi um sacerdote oracular e intérprete de sonhos. Escreveu o livro *Oneirocritikon (Da Interpretação dos sonhos)*, que nos chegou. Artemidoro viveu em Roma durante os reinados de Antonino Pio e Marco Aurélio (ver sua obra 1.28, 1.66, 4.1). É possível que tenha conhecido pessoalmente Marco.

podia mover cargas ainda mais pesadas do que o normal. Assim, interpreto, o sonho indicava a Marco que, apesar de ser um peso, ele não só poderia manejá-lo sem dificuldade como ainda encontraria forças que nem suspeitava possuir. Além disso, a rigidez indica também a precisão de ser austero, severo, rigoroso, firme e grave, qualidades que Marco exibiu em seu reinado segundo os historiadores, como veremos mais à frente.

O relato de Júlio Capitolino, entretanto, acrescenta que Marco experimentou tristeza ao saber de sua indicação. Efetivamente, o próprio Júlio Capitolino nos informa que Marco:

Júlio Capitolino, *História Augusta, Vida de Marco Aurélio*, 5.6: *Dedicou-se ardentemente ao estudo da filosofia, mesmo quando ainda era jovem. Na verdade, atingidos os doze anos, adotou a veste de filósofo e, em seguida, a sua austeridade, já que estudava com um manto grego e dormia no chão; a pedido da mãe, passou a dormir, embora relutantemente, em um leito coberto por peles.*

Marco tentou, ao longo de seu período como imperador, compatibilizar o exercício do poder à atividade filosófica, como o prova a sua obra póstuma *Meditações*. Este livro, aliás, recebeu tal título posteriormente. Segundo Aretas, bispo bizantino do século X, o título original seria *ta eis heauton*, algo como *Os [escritos] para si mesmo*.²² Para a maioria dos comentadores modernos²³, Marco escrevera, entre 170 e 180 EC, um caderno de anotações parafraseando citações de outros autores e refletindo a partir dessas passagens sobre situações de seu próprio dia a dia, sem intenção de publicá-las. Essa prática de meditação reflete aquela a que Sêneca se refere diversas vezes em suas obras, como na *Carta a Lucílio* XCIV e em *Dos Benefícios* VIII, 1.²⁴ Trata-se do exercício do exame diário de consciência que os estoicos adotaram dos pitagóricos e que deveria ser feito a cada noite antes de dormir, ocasião para refletir sobre os erros cometidos ao longo do dia e progredir por meio do reconhecimento e da superação das próprias falhas. Epicteto discorre também sobre esse tema nas *Diatribes* em diversas ocasiões (I,1,25; I,27,6 ss.; II,1,29; III,10,1). E o próprio Marco compara os princípios da filosofia com os instrumentos da medicina, afirmando que “os médicos, que sempre têm à mão os instrumentos de sua arte, devem ser imitados” (III.13; cf. IV.3).

Ora, após a morte de Adriano, Marco viveria muito próximo a Antonino Pio pelas próximas duas décadas, recebendo excelente educação através de destacados preceptores. O

²² O livro foi vertido pela primeira vez para o latim por Wilhelm Xylander em 1558.

²³ Por exemplo, Brunt, 1974. p. 1–20.

²⁴ Cícero se refere igualmente a essa prática no *De Natura Deorum* L.I.30 e no *De Finibus* L.II.7.

próprio Marco cita muitos deles no primeiro livro de suas *Meditações*: Diogneto, seu professor de pintura²⁵; Quinto Júnio Rústico²⁶, o maior filósofo de seu tempo²⁷, foi professor de estoicismo de Marco²⁸ e um político ativo em Roma, tendo se alçado duas vezes ao consulado e estátuas erigidas em sua homenagem após sua morte; Apolônio da Calcedônia²⁹, outro destacado filósofo estoico; Sexto de Queroneia, neto de Plutarco e influente estoico; Alexandre de Cotieno³⁰, seu professor de gramática; Marco Cornélio Fronto³¹, seu professor de retórica, do qual nos chegou um livro de correspondência entre ambos; Alexandre, o platonista³²; Cinna Catulo, outro estoico³³; Gneu Cláudio Severo Arabiano, senador e filósofo peripatético, que instruiu Marco quando à Oposição Estoica e seus mais destacados representantes.³⁴ Acrescentemos a esta lista Herodes Ático, o maior representante da Segunda Sofística, que construiu às suas expensas um magnífico teatro aos pés do Parthenon como presente aos atenienses, teatro que se encontra em funcionamento até aos dias de hoje.

Como se vê, assim como todo jovem romano de classe elevada, Marco Aurélio teve acesso a uma educação extremamente refinada, possuindo como preceptores os mais insígnies intelectuais de sua época.

Marco casou-se aos vinte e quatro anos com sua prima Faustina³⁵, então com quatorze anos de idade, no ano de 145. Tiveram 13 crianças, das quais apenas um menino e quatro meninas sobreviveram ao pai. As taxas de mortalidade da Roma Antiga eram altíssimas. McLynn observa que a expectativa de vida da classe senatorial romana era de cerca de 30 anos, e das demais classes, 25 anos³⁶. Trinta e três por cento da população morria com até vinte e oito meses de vida, e entre quarenta e cinquenta por cento não passava dos oito anos de vida. Chegar à idade adulta era, assim, difícil na Roma Antiga. O filho preferido do imperador, Marco Ânio Vero, nascido em 162, faleceu tragicamente em tenra idade após a descoberta de um tumor maligno atrás de sua orelha que foi tratado sem sucesso. Marco Ânio havia sido declarado César

²⁵ Marco, *Meditações*, 1.6.

²⁶ Marco, *Meditações*, 1.7.

²⁷ Provavelmente neto de Júnio Aruleno Rústico, o célebre membro da Oposição Estoica que se opôs aos imperadores tirânicos de Roma,

²⁸ Foi Rústico que presenteou Marco com um exemplar das *Diatribes de Epicteto*.

²⁹ Marco, *Meditações*, 1.8.

³⁰ Marco, *Meditações*, 1.10.

³¹ Marco, *Meditações*, 1.11.

³² Marco, *Meditações*, 1.12.

³³ Marco, *Meditações*, 1.13.

³⁴ Marco, *Meditações*, 1.14.

³⁵ Annia Galeria Faustina Menor, ou Faustina Menor, filha de Antonino Pio e sua esposa Faustina. Faleceu em 175 após um acidente em um acampamento militar na Capadócia.

³⁶ McLynn, 2009, p. 89-90.

e sucessor de imperador em 12 de outubro de 166, juntamente com seu irmão Cômodo. Marco Aurélio homenageou seu filho com estátuas, das quais de uma nos chegou o busto, que pode ser visto atualmente no Museu do Louvre, em Paris.

Como o sonho o profetizara, Marco tornou-se imperador no ano de 161, quando Roma atravessava um período difícil, que não melhoraria ao longo de seu reino: além de cataclismos, como terremotos e grandes enchentes, dois eventos tornaram seu reinado particularmente difícil: a epidemia de varíola que varreria a Itália em duas violentas ondas e acabaria por vitimar o próprio Marco e as guerras nas fronteiras.

O mundo antigo era assolado por dolorosas doenças, como sarampo, varíola, malária, tuberculose, hanseníase, tifo, difteria, tétano, poliomielite, além das pestes pneumônica e bubônica. Contra essas doenças, a medicina romana nada podia fazer. E as epidemias aconteciam em sucessão: na República, nos anos de 174, 142, 87, 58, 46 e 43 AEC; e no Império, nos anos 23-22 AEC e 65, 79-80 e 90 EC.

Entretanto, a Praga Antonina, que assolou o Império durante o reinado de Marco, foi a pior que se tem notícia em Roma, ficando entre as três mais nefastas de toda a Antiguidade, junto com a Praga de Tucídides, que ocorreu em Atenas durante a Guerra do Peloponeso (431-29 AEC) e a Praga Justiniana, no século 6.

A Praga Antonina é também conhecida como a Praga de Galeno³⁷, porque o médico-filósofo anotou e descreveu cuidadosamente seus sintomas e seus tipos. Por essas observações, é praticamente certo que tenha ocorrido uma epidemia de varíola, que se apresentava em duas variedades: varíola menor e varíola maior, sendo uma das quatro espécies desta última a mais perigosa e letal, a hemorrágica, que se alastrou em Roma.

Os sintomas da varíola são, após um período de incubação de 12 dias, resfriado, febre de mais de 38 graus, dor muscular, dor de cabeça, dor nas costas, náuseas e vômito. Após quatro dias, lesões arredondadas e vermelhas (conhecidas como exantemas, ou rashes cutâneos) aparecem na língua, no palato e na garganta. Após 24 horas, cessa a febre. Porém, então, ocorrem, na face, na pele e nas extremidades, lesões que se transformam em pústulas, que somem após dezesseis dias. Na variedade hemorrágica, ocorre sangramento subcutâneo, o que dá uma coloração negra à pele. A morte chega após cinco ou sete dias por hemorragia nos órgãos

³⁷ Aélio Galeno ou Cláudio Galeno, célebre médico e filósofo da Antiguidade, viveu entre 129 e 200/216. Foi médico pessoal de Marco Aurélio, além de autor de várias obras de medicina e filosofia que nos chegaram.

vitais e falência do coração e dos pulmões. Tal epidemia assolou Roma por quase todo o reino de Marco, entre 165 e 180.

Marco Aurélio promulgou leis prescrevendo que fossem erigidas estátuas aos senadores mortos pela peste e que todos os funerais dos mortos pela epidemia fossem pagos pelo Estado. Segundo McLynn, dos setenta milhões de romanos, pelo menos dez milhões morreram nessa epidemia³⁸. Tal praga se estendeu ao reinado de Cômodo, com nova onda se iniciando no ano de 189.

A medicina da época não tinha meios de compreender as verdadeiras causas desta doença. A existência do vírus da varíola era, claro, desconhecida. Assim, pouco restava a fazer diante dos prodígios que se manifestavam, não só em razão da praga, como também da invasão dos Marcomanos³⁹, pelo que Marco determinou que fosse celebrado um *lectisternium*, cerimônia purgativa na qual se oferecia uma ceia aos deuses, representados por seus bustos e imagens. Marco convocou quase todos os ritos conhecidos e seus respectivos sacerdotes e purificou a cidade de Roma por todos os meios disponíveis⁴⁰. Tal epidemia teria ainda uma terceira onda nos tempos de Cômodo.

O segundo grande obstáculo com que Marco Aurélio se deparou em seu império foi a guerra nas fronteiras contra a confederação dos marcomanos⁴¹, quados⁴², sármatas⁴³ e vândalos⁴⁴. Em 167, após tensões nas fronteiras no ano anterior, um gigantesco exército de quados e marcomanos invadiu a Itália e atacou a cidade de Aquileia⁴⁵, matando 20 mil romanos e tomando outros 100 mil como cativos. As tropas invasoras permaneceram às portas da cidade até serem rechaçadas por Cláudio Pompeiano⁴⁶, retornando aos Alpes para se reagruparem, mas causando grave dano ao moral romano.

Devido à peste, Marco e seu irmão adotivo Lúcio Vero⁴⁷ tiveram que aguardar até o ano seguinte (168) para prepararem suas legiões e se dirigirem para o teatro de operações. Quando os imperadores partiram de Roma, com a guarda pretoriana e acompanhados pelo influente

³⁸ McLynn, 2009, p. 466.

³⁹ Sobre o que falaremos a seguir.

⁴⁰ Ver *História Augusta, Heliogabalus* 9.1.

⁴¹ Tribo germânica que se concentrava ao norte do Danúbio, nas proximidades da atual Bohemia.

⁴² Tribo germânica que habitava a atual Morávia.

⁴³ Tribo de origem iraniana, relacionada aos citas e aos sacas, que habitava as fronteiras da Cítia.

⁴⁴ Tribo germânica que habitava originalmente o que é hoje o sul da Polônia.

⁴⁵ Localizada ao longo do Rio Natsu e ao sul dos Alpes Julianos.

⁴⁶ Tibério Cláudio Pompeiano, político e general que começou a se destacar nesta guerra. Viveu entre 125 e 193. Foi muito influente no governo de Marco, tendo se casado com sua filha Lucilla.

⁴⁷ Que co-governou Roma com Marco entre 161 até sua morte em 169. Lúcio Aurélio Vero viveu entre 15 de dezembro de 130 e 23 de janeiro de 169.

equestre Fúrio Vitorino⁴⁸, quados e marcomanos haviam se aliado aos sármatas e vândalos, formando um front da batalha que se iniciava na foz do Danúbio, na Floresta Negra, e se estendia até seu estuário no Mar Negro⁴⁹. Após um ano de campanha, os exércitos romanos⁵⁰ foram invernar em Aquileia, onde Lúcio Vero faleceu, provavelmente vítima da Peste Antonina. Marco voltou a Roma para os funerais de seu irmão adotivo, retornando ao front em seguida. O conflito se estendeu pelos anos seguintes. Em 171, os marcomanos foram finalmente expulsos do território romano. Em 172, as tropas romanas cruzaram o Danúbio e entraram em território marcomano, pelo que Marco recebeu o título de Germânico. Em 173, Marco teve que voltar sua atenção aos quados, que haviam quebrado um tratado de paz assinado anos antes. Marco venceu os quados sob circunstâncias difíceis. Nesta campanha ocorreu o famoso Milagre da Chuva, que literalmente salvou o exército romano comandado por Marco durante uma batalha. Dião Cássio nos conta que a XII Legião Fulminata estava cercada e sedenta, nada vendo diante de si senão a rendição. Foi então que um súbito temporal desabou sobre as tropas romanas, matando sua sede, enquanto ao mesmo tempo um raio desabou sobre os quados, desbaratando-os e levando os romanos a uma improvável vitória.⁵¹ Marco voltou sua atenção, então, aos sármatas, repelindo-os e encerrando sua campanha em 175⁵². Havia ainda trabalho a ser feito no front, mas Marco teve que voltar a Roma para enfrentar a rebelião de Avídio Cássio⁵³, que se autoproclamara imperador, provavelmente por crer que Marco havia morrido. Cássio recebeu imediato apoio das províncias do Egito, da Síria, Síria Palestina e Arábia Pétria. Ele teria sido persuadido a tomar o poder pela própria Faustina, que provavelmente acreditara em rumores que diziam que Marco havia sido vitimado no front. Cássio acabou sendo morto por um centurião que estava sob seu comando, tendo sua cabeça entregue a Marco Aurélio, que recusou-a e ordenou que fosse sepultada.⁵⁴ Marco perdoou prontamente sua esposa e poupou, na máxima medida possível, todos que apoiaram Cássio no golpe fracassado.⁵⁵

Finalmente, após oito anos no front, Marco pode passar certo tempo em Roma no ano de 176. No dia 23 de dezembro deste ano, celebrou, junto com seu filho Cômodo, um triunfo

⁴⁸ Tito Fúrio Vitorino, que morreria neste mesmo ano, provavelmente vítima da Praga Antonina.

⁴⁹ Mclynn, 2009, p. 330.

⁵⁰ Mclynn (2009, p. 349) observa que o exército romano empregado nesta empreitada tinha o maior número de tropas já visto em Roma: 60 mil legionários, distribuídos por 12 legiões, além de 80 mil tropas auxiliares, perfazendo um total de 140 mil homens.

⁵¹ Dião Cássio, LXXII 8-10. Dião atribui o milagre à intervenção do deus Mercúrio, que teria sido invocado pela oração de um sacerdote.

⁵² Pelo que Marco recebeu o título de ‘Sarmático’.

⁵³ Gaio Avídio Cássio viveu entre c. 130 e 175. Foi general romano e usurpador.

⁵⁴ Ver Birley, 2001, p. 174; Smith, 1870, p. 441.

⁵⁵ Dião Cássio, LXXI 30.

pelas vitórias e ordenou que fosse erigida uma coluna em sua comemoração. Esta coluna ainda existe praticamente intacta. Nela, são narrados pictoricamente os eventos que sucederam nestas guerras. A famosa estátua equestre⁵⁶ de Marco Aurélio foi erigida em 175. Muitas estátuas equestres foram derretidas após a queda do Império, e a de Marco provavelmente sobreviveu por ser confundida posteriormente com o imperador cristão Constantino. A sela sobre a qual a imagem de Marco está assentada é de estilo sarmatiano, o que indica que se trata de homenagem a Marco por sua vitória sobre os sármatas.⁵⁷ A estátua original foi, em 1981, levada para o Museu Capitolino, em Roma, enquanto uma réplica foi disposta na Piazza del Campidoglio, onde a estátua estava anteriormente colocada, na mesma cidade.

Em 177, os marcomanos e os quados se rebelaram novamente, e Marco uma vez mais preparou suas legiões e rumou para o front, estacionando em Carnuntum⁵⁸, lá chegando em setembro de 178. Marco não voltaria vivo a Roma: o imperador morreria no teatro de operações dois anos depois. Seu esforço de guerra, que teria assegurado as fronteiras ao norte do Império, foi desperdiçado por Cômodo, que imediatamente retrocedeu para Roma, tornando-se um dos piores imperadores que Roma já vira.

Em março de 180, Marco adoeceu no acampamento romano em Vindobona, atual Viena, na Áustria. Percebendo que desenvolvia os mesmos sintomas apontados por Galeno para a Peste Antonina, concluiu que seu fim estava próximo. Convocou, então, seu filho Cômodo, urgindo que a guerra fosse levada até seu fim, o que Cômodo, como dissemos, não cumpriu, mas, ao mesmo tempo, evitou contato próximo com o filho, pois sabia-se que a peste era contagiosa⁵⁹. Marco decidiu acelerar sua morte, impondo a si mesmo um jejum. Vendo seus amigos e oficiais chorando, lhes disse que deixassem de lado essa atitude e se lembrassem da praga como um todo e da morte em geral⁶⁰. Marco faleceu no dia 17 de março de 180. Segundo Cômodo, o imperador-filósofo, pouco antes de morrer, deu a palavra de ordem do dia, que era: “Partam para o sol nascente, pois eu agora estou me pondo” (Dião Cássio, 71.33-4).

Marco, portanto, em seu império, encontrou forças para superar grandes adversidades, além de uma longa epidemia e guerras que assolaram Roma, sofreu uma tentativa de golpe de Estado, que fracassou.

⁵⁶ Feita de bronze.

⁵⁷ Ver Helmut, 1989.

⁵⁸ Fortaleza romana criada em 50 EC e transformada em cidade no século I EC. Com cerca de 50 mil habitantes, situava-se às margens do Danúbio entre as atuais cidades de Viena e Bratislava, na Baixa Áustria.

⁵⁹ McLynn, 2009, p. 418

⁶⁰ *História Augusta*, 28.2-7.

Para Panécio de Rodes (c. 185 — c. 110/09 AEC), sétimo e último escolarca do Pórtico,⁶¹ cada humano tem diante de si quatro papéis fundamentais a cumprir⁶²: o primeiro é o de animal racional, que nos distingue dos demais animais, papel do qual decorre o caráter moral do humano (a capacidade de ser justo ou injusto, bom ou mau), ausente nos demais seres cósmicos; o segundo é o caráter próprio de cada um, tanto físico quanto psíquico, pelo qual os humanos se distinguem entre si⁶³; o terceiro é aquele imposto pelas circunstâncias, pelo qual, por exemplo, uns nascem em famílias abastadas e outros em famílias humildes; o quarto é a profissão que cada um escolhe seguir. Assim, podemos dizer que Marco encarou sua indicação para governar Roma como uma missão apontada pela fortuna ou pela fortuna: apesar de seu caráter filosófico⁶⁴, que reconhece e que faria dele um filósofo em tempo integral se assim o tivesse escolhido (o quarto papel indicado acima), ele acolhe o poder imperial como uma incumbência decorrente de sua posição social e das relações que mantinha graças aos seus laços familiares e políticos. Apesar da saúde fraca (como nos relata Dião Cássio, 71.10), pode, tal como seu sonho de adolescente previu, facejar flagelos múltiplos com incrível tenacidade. Além disso, seu governo foi caracterizado pela austeridade, pela severidade e pelo rigor em relação a si mesmo. Foi, como atesta Dião Cássio (72.6), um monarca consciencioso e diligente, se consagrando, sempre que se via livre do front, às suas funções como juiz, estudando cuidadosamente (e às vezes varando noites) os processos a ele atribuídos. Manteve a fraqueza física em sua idade adulta e se alimentava com frugalidade e apenas à noite (Dião Cássio 72.6). Tratando com humanidade mesmo seus piores inimigos (Dião Cássio 72.14), foi magnânimo em relação às províncias que participaram do golpe contra si (Dião Cássio 72.27.3.2; 28; 30), perdendo a quase todos. Concedia frequentemente audiências a embaixadores de nações estrangeiras (Dião Cássio 72.19) e detestava o derramamento de sangue, determinando que gladiadores lutassem com espadas com a ponta encoberta (Dião Cássio 72.29). Dião Cássio, ao final de seu capítulo dedicado a Marco, oferece o seguinte testemunho sobre o imperador:

Dião Cássio, 72.34: Além de possuir todas as outras virtudes, governou melhor que quaisquer outros que já estiveram em posições de poder. É verdade que ele não conseguia realizar muitas proezas físicas; porém, desenvolveu seu corpo, a princípio muito fraco, até ser capaz de maior

⁶¹ O quinto e o sexto escolarcas foram, respectivamente, Zenão de Tarso (fl. 200 a.C.), aluno de Crisipo, e Antípatro de Tarso, que morreu em 130/129 a.C. e foi também professor de Panécio.

⁶² Cícero, *Dos deveres*, 1.97-117.

⁶³ Qualidades mentais e físicas, que tornam certos humanos mais aptos para certas profissões que outros, como os músculos no caso de um boxeador e a capacidade de abstração no caso de um matemático.

⁶⁴ Marco se lamenta diversas vezes, em seu diário, pela falta de tempo para se dedicar à filosofia em virtude dos deveres inerentes à função de imperador (ver, por exemplo, 3.14 e 8.8)

resistência. Ele dedicou a maior parte de sua vida à beneficência, e esta pode ter sido a razão de ter construído, no Capitólio, um templo para a Beneficência [...] Ele se absteve de cometer ofensas e jamais agiu mal, voluntária ou involuntariamente; mas tolerou ofensas de terceiros [...] Enquanto isso, se uma pessoa fazia algo de bom, elogiava-a e utilizava-a no serviço em que se destacou, não dando atenção ao restante de seu comportamento, pois dizia que, por ser impossível criar um humano exatamente como se queria, era melhor empregar o que já existia para qualquer um dos serviços em que cada um deles poderia bem servir ao Estado. Toda a sua conduta se deveu à virtude autêntica, não ao fingimento. Viveu cinquenta e oito anos, dez meses e vinte e dois dias, dos quais passou um tempo considerável como assistente do primeiro Antonino, e foi ele próprio imperador por dezenove anos e onze dias, permanecendo o mesmo do primeiro ao último dia, sem mudar em nada. De fato, foi um bom homem, desprovido de qualquer pretensão.

Referências

- ARTEMIDORO. **Sobre a interpretação dos sonhos**. Trad. Eliana Aguiar. São Paulo: Zahar, 2009.
- BIRLEY, A. **Marcus Aurelius: A Biography**. Nova Iorque: Routledge, 2001.
- BRUNT, P. A. ‘Marcus Aurelius in his Meditations,’ IN: **Journal of Roman Studies**, 1974, 64(1): 1–20.
- CÍCERO. **On Duties**. Trad. W. Miller. Harvard: Loeb Classical Library, 1913.
- DIÃO CÁSSIO. **Roman History**. Trad. Earnest Cary. Harvard: Harvard University Press, 1914 - 1927.
- EPICTETO. **Diatribes**, livro I. Trad. Aldo Dinucci. Coimbra: Imprensa de Coimbra, 2019.
- EPICTETO. **Encheiridion**. Trad. Aldo Dinucci e Alfredo Julien. Coimbra: Imprensa de Coimbra, 2014.
- GIBBON, E. **Declínio e queda do império romano**. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Cia das Letras, 2005.
- HELMUT, N. “The Emperor's New Saddle Cloth: The Ephippium of the Equestrian Statue of Marcus Aurelius”. In: **Metropolitan Museum Journal**. 24: 17–24, 1989.
- JÚLIO CAPITOLINO et alii. **História Augusta**. Trad. Cláudia Teixeira, José Luís Brandão e Nuno Rodrigues. Coimbra: Imprensa de Coimbra, 2011.
- MARCO AURÉLIO. **Meditações**. Trad. Aldo Dinucci. São Paulo: Cia das Letras / Penguin, 2023.
- McLYNN, F. **Marcus Aurelius, a life**. Cambridge: Da Capo Press, 2009.
- SMITH, W. **Dictionary of Greek and Roman Biography and Mythology**, vol. I. Boston: Little Brown and Co., 1870.